



Dinossauros não resistem ao canto do poder local

AUTÁRQUICAS



Isaltino Morais e a sua equipa de candidatos fotografados, na 3ª feira, frente ao Tribunal de Oeiras, na entrega das listas à autarquia

Regresso Após quatro anos de interrupção, Isaltino Morais e uma trintena de autarcas de longo curso fazem prova de vida

Dinossauros não resistem ao canto do poder local

Texto ISABEL PAULO
 Foto MARCOS BORGIA

Em 2013, metade dos autarcas do país entrou em sabbática, forçados pela lei da limitação de mandatos. Cumpriro o período de nojo, os 'dinossauros' estão de volta à rua, ansiosos por resgatar antigos municípios ou conquistar seara alheia para fazer o que gostam: política de proximidade. À compulsão do retorno, chamam-lhe vício, paixão e até missão. A 1 de outubro, caberá aos eleitores decidir se estão fartos das caras do costume, perdoam divórcios partidários, ou se, localmente, a experiência é ainda um posto.

Aos 78 anos, Valentim Loureiro confessa que está "cheio de genica" por volver a Gondomar, onde reinou duas décadas e irá enfrentar Marco Martins e o seu ex-chefe de gabinete Rafael Amorim, candidato do PSD/CDS-PP. "Eu mesmo andei a recolher assinaturas e a falar com as pessoas, que é por vontade delas que me candidato", referiu antes de apresentar as listas, subscritas por seis mil eleitores, nada incomodado com epíteto de "dinossauro", que considera "símbolo de longevidade". A maioria absoluta conquistada pelo PS há quatro anos não lhe tira o sono, convicto de que abrirá um novo ciclo na autarquia feudo rosa até à sua chegada a Gondomar em 1993, pelo PSD. Seguiram-se as vitórias

como independente em 2005 e 2009, quando Marques Mendes lhe retirou a confiança pelo envolvimento no Apito Dourado. "Não corro contra ninguém, sou um presidente de afetos, muito antes de Marcelo o ser", lembra, movido pela "vontade de resolver os problemas e o hábito de executar". Confidência que sentiu saudades: só ia a Gondomar para ir ao barbeiro, para não interferir. "Valentim Coração de Ouro" é o seu mote, enquanto nos outdoors alerta: "O presidente está de volta".

Autarca da mesma raça, Narciso Miranda conta que bastou um ano na capital nos idos de 1999, como secretário de Estado, para perceber que o que lhe "dá mesmo gozo" é sentir que uma decisão sua "mexe" com a vida das pessoas. O antigo senhor de Matosinhos orgulha-se que ainda haja quem o trate por presidente na cidade que "era uma aldeia de barracas" quando foi eleito em 1976 e "punha Lisboa em sentido" quando saiu em 2005. A derrota em 2009 contra Guilherme Pinto, o eleito do PS, não o desmoraliza, tal como não se arrepende de ter concorrido como independente, ouvida que lhe valeu a expulsão do PS. Há um ano, recusou o convite de reconciliação partidária, já premeditando ir agora a votos para baralhar as contas no concelho dividido por duas candidaturas da família rosa — Luísa Salgueiro, a oficial, e António Parada, sem cartão desde abril. Aos 68 anos, sente "a obrigação" de acabar com os equívocos políticos de Matosinhos e devolver a voz às suas gentes; "sufocada pela tirania" pelo PS. Há oito anos,

chegou aos 32% dos votos, confia que terá maioria: "Fartos de casos, na dúvida vão pensar — mal por mal que venha o Narciso".

Profissão de vida

À tentação da casa de partida, também não resistiu Carlos Pinto, o patriarca autárquico da Covilhã, "inquieto" com o rumo da cidade nos quatro anos de gestão do socialista de Vítor Pereira. Candidato do PSD durante 20 anos, avança como independente pelo movimento "De novo Covilhã", sem temer desafiar o opositor laranja Marco Batista. No outono da vida, abandonou o PSD quarta-feira, com mais uma dezena de militantes. "Não é tração, pois nada me liga a esta direção sem memória, que julga que o partido começou com a *troika*". O cartão de militante enviou-o a Passos Coelho, acompanhado de carta a explicar o divórcio. Admite que o poder local é viciante, e que não se

conseguiu desligar "perante um cenário de catástrofe municipal". Não fez sondagens para não "gastar dinheiro mal gasto", mas acredita que vencerá: "A insatisfação é grande com a fuga de 3000 pessoas por falta de emprego e qualidade de vida". Isaltino Morais é outro dinossauro incapaz de esquecer a cadeira que ocupou ao longo de 30 anos. Para a reconquistar, não se constrange se apear Paulo Vistas, que se recandidata pela Associação Oeiras Mais à Frente, movimento que ajudou a criar. Eleito pelo PSD desde 1985, fez-se independente após o partido lhe tirado o tapete por causa do processo de fraude fiscal e branqueamento de capitais que o levou à prisão. Livre de constrangimentos legais já formalizou a investida "Isaltino — Inovar Oeiras de Volta". Declinou falar ao Expresso, por "não estar interesse em remexer no passado", segundo fonte da candidatura. Num concelho de aposta tripla, também o PS porfiou num autarca de longa duração.

Joaquim Raposo, amante jurado do poder local, debutou como autarca em 1993 na AM, em Lisboa, com Jorge Sampaio. Seguiu-se a presidência da Câmara da Amadora, função que só largou por limitação de mandato em 2013. Agora tenta a sorte na vizinha Oeiras, "sem campanhas negras", numa luta que sabe será renhida. "É um naípe difícil de três presidentes em jogo". Eleito deputado em 2015, não se converteu ao ideário parlamentar, rendido ao bichinho autárquico: "A intervenção de proximidade é desa-

fiantes, sobretudo num concelho com tantas potencialidades, mas parado".

Fernando Costa é outro dos autarcas que não largam o banco, nem que para isso ande em bolandas das Caldas da Rainha (deito sete vezes) para Loures, onde perdeu em 2013, mas ficou como vereador. Agora abala para Leiria: "Não podia dizer não ao meu partido, nem à minha terra, mesmo que seja difícil". Não se incomoda, pois se fosse fácil apear Raul Castro, apoiado pelo PS, "não faltava quem quisesse 'tacho'". Social-democrata há quase meio século, confessa-se militante nos bons e maus momentos. Afinal o que ainda o faz correr? "Não é por dinheiro, é por pavor à reforma", afirma, lembrando que começou a trabalhar aos 18 anos, como administrativo na Câmara das Caldas. Autarca por missão, em Leiria promete baixar as taxas municipais, as maiores do país, e "acabar com a má gestão".

Em Coimbra, Jaime Ramos, presidente da Câmara de Miranda do Corvo de 1979 a 1989, foi o escolhido pela coligação PSD/CDS para dar "novo fôlego" à cidade dos estudantes, "suspensa no tempo, decrepita e sem rumo". A atração pelo poder local replica-se um pouco por todo o país, sem exclusividade de géneros. Após cumprir "castigo" de limitação de mandatos, Júlia Paula Costa volta a candidatar-se pelo PSD em Caminha. Ana Cristina Ribeiro, que se estreou pela CDU para depois encabeçar as listas do BE, e ganhar, em Salvaterra de Magos, está em campo para resgatar a Câmara ao PS.

A LIMITAÇÃO DE MANDATOS NÃO EXTINGUIU OS DINOSSAUROS. O APELO AUTÁRQUICO É MULTIRRESISTENTE